

Sociabilidade, sentimento e formação: sobre as mulheres em Hume e em Jane Austen

Sociability, feeling and training: about women in Hume and Jane Austen

Marcos Balieiro*

Resumo: Trata-se de comparar as perspectivas de Jane Austen e David Hume acerca da relação entre literatura e sociabilidade, especialmente no que diz respeito à formação do caráter das mulheres. Com isso, é possível mostrar que a literatura de Austen é pensada, em ampla medida, como resposta à maneira como a filosofia das luzes britânicas concebia a natureza e o caráter femininos, além de implicar uma recusa bastante contundente da tradição da galanteria.

Palavras-chave: Jane Austen, David Hume, Sociabilidade, Literatura, Formação.

Abstract: This paper aims to comparing Jane Austen's and David Hume's perspectives concerning the relations between literature and sociability, especially when it comes the constitution of women's characters. This shall allow to show that Austen's literature is developed, in great measure, as a reaction to conceptions regarding women's nature and character which were widely accepted by the British Enlightenment, and that it implies in incisive refusal of the tradition of gallantry.

Key-words: Jane Austen, David Hume, Sociability, Litterature, Character, Formation.

Em um ensaio intitulado *Of the Rise and Progress of the Arts and Sciences*, Hume afirma que a natureza “deu ao homem a superioridade sobre a mulher, por tê-lo dotado de maior força tanto de mente quanto de corpo”. A partir daí, explica a galanteria do mesmo modo que explica uma série de aspectos da polidez moderna, da qual, como se sabe, a tradição do galanteio seria apenas uma parte. O modo deferente com que os homens tratam as mulheres em boa companhia consiste, no ensaio, em um meio pelo qual se pode aliviar o constrangimento que a consciência de sua própria inferioridade causaria às mulheres. Do mesmo modo, jovens bem-criados tratariam bem os idosos para aliviar a consciência que estes teriam de sua condição prejudicada, e o anfitrião de um banquete faria questão de servir bem os seus convidados, que estariam como que sob seu poder.

Não é, como se sabe, o único momento em que Hume faz afirmações sobre as mulheres que fazem parecer que ele não teria, no que diz respeito a elas, posição muito

* Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, SE, Brasil. Contato: marcos.balieiro@gmail.com

distinta daquela que vemos em outros autores tipicamente masculinos da Grã-Bretanha do século XVIII. Em outras partes, ele afirma que as mulheres, ainda que fisicamente inferiores, compensam eventuais desvantagens que poderiam surgir daí por meio de encantos que concederiam a elas vantagens sobre os homens. Ainda, elas são apresentadas pelo filósofo como ávidas por poder.

Por outro lado, existem aspectos do tratamento conferido por Hume às mulheres que permitem dizer que, ainda mais quando comparado a autores como Gregory e Rousseau, o pensador escocês seria bastante progressista. Isso fica evidente, por exemplo, com a afirmação, em *Of Essay Writing*, de que as mulheres seriam juízas de obras de gosto melhores que os homens.

É verdade que, nesse texto, Hume parece apresentar uma posição que poderia nos parecer retrógrada ao afirmar que, infelizmente, as mulheres têm seu juízo complicado por preferirem a intensidade à justeza da paixão. Porém, é importante lembrar que, em *Of the Study of History*, o autor, longe de atribuir essa preferência à natureza, à constituição feminina ou a outro fator desse tipo, elege o hábito de ler novelas como grande causa de deformação dos juízos femininos. Seria possível afirmar, então, que Hume, no fim das contas, consideraria que, ao menos no que diz respeito à apreciação de obras de gosto, as mulheres, caso fossem educadas adequadamente, haveriam de se tornar, em termos bastante concretos, inegavelmente superiores. Nesse sentido, seria possível estabelecer, a partir do pensamento humiano, uma crítica da educação feminina que seria particularmente interessante porque, diferentemente do que se vê em autoras que pretendem insistir na necessidade de uma educação que iguale homens em mulheres por conta da razão, haveria, na obra de Hume, a possibilidade de preservar o registro da sensibilidade, tornando-o preponderante tanto no caso da educação de mulheres quanto no da educação de homens.

Quando se pensa que, no já mencionado *Of Essay Writing*, o filósofo já havia concedido às mulheres a soberania sobre o mundo da conversação, e que nesse mesmo texto o único empecilho a considerá-las soberanas também do mundo erudito é o fato de não tenderem às paixões que sejam justas, o recado se torna bastante claro: as mulheres, que parecem já estar em vantagem no que diz respeito ao cultivo da sociabilidade polida e têm, ainda, algo como um aparente “talento natural” para a apreciação das letras, dominariam tanto o mundo letrado quanto o sociável caso fossem não apenas educadas no registro da sociabilidade polida que compartilham com os homens, mas acessassem, de maneira frequente, também as mesmas leituras que eles. Assim, seria possível, com

alguma boa vontade, tratar as considerações de Hume em *Of the Rise and Progress of the Arts and Sciences* quase que como um artifício para conceder às mulheres espaço real de expressão, ou ao menos defender que essa seria uma consequência frutífera, ainda que involuntária, do modo como Hume pensa as questões de que estamos tratando aqui.

Parece, então, que, diferentemente de vários autores do período, nosso filósofo pretende não apenas garantir às mulheres algum espaço para se expressar, mas conferir a elas lugar de destaque na “Parte elegante da humanidade, que não está limitada à vida animal”. Entretanto, as coisas são mais complicadas. Mesmo essa leitura particularmente caridosa do tratamento que Hume confere às mulheres tem como pressuposto uma crítica bastante pesada da *forma* novela. Por influência de obras desse tipo, as mulheres se tornam excessivamente passionais, além de terem prejudicados seus juízos sobre as motivações dos homens. Não é exagero, portanto, dizer que Hume reproduz certas concepções acerca de novelas que caracterizam uma posição comum não apenas no período, mas, também, ao longo de parte significativa do século XIX.

Esse é um ponto particularmente problemático. Como se sabe, o desenvolvimento da forma novela na Grã-Bretanha do século XVIII está atrelado, justamente, à emergência de uma literatura especificamente feminina. É importante observar, ainda, que não é completamente justa a caracterização de novelas escritas por mulheres como obras que buscam apenas promover formas exageradas de sensibilidade. É verdade que, especialmente no início do século, nota-se uma profusão de obras que relatam ou histórias bastante açucaradas ou temas piedosos, com o objetivo de inculcar nas leitoras a inclinação para o cumprimento de seus deveres. Ainda assim, na segunda metade do XVIII, tornaram-se mais comuns textos inovadores no que diz respeito ao tratamento das personagens femininas¹. Isso é evidente, por exemplo, no caso do gótico feminino, mas parece mais importante lembrar, aqui, casos como *The Female Quixote*, elogiada por nomes como Samuel Johnson e bastante representativa de obras cunhadas por escritoras que se esmeravam não apenas em satirizar costumes, mas, também, em acertar contas com novelas que, ao retratar amores incandescentes e histórias de donzelas em perigo, poderiam dar a moças que se dedicassem excessivamente a elas uma ideia equivocada do mundo que as cercava.

¹ Para uma boa apresentação introdutória do tema, ver VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII*.

Não seria exagero afirmar, a partir daí, que Jane Austen constitui um ponto de enorme importância quando se trata de entender de que maneira o desenvolvimento da forma novela colaboraria para estabelecer um tipo de literatura que se apresentasse como acerto de contas com autores do XVIII que pareciam não se dar conta do que estaria em jogo com os desenvolvimentos da literatura escrita por mulheres. Isso pode causar certa estranheza para grande parte do público contemporâneo de sua obra. É, porém, um ponto bastante evidente, em especial quando atentamos não apenas para os vários momentos em que Austen volta baterias bastante contundentes contra o tratamento dispensado às mulheres em seu tempo, mas, também, contra as expectativas que eram destinadas à literatura feminina.

Esse é um ponto bastante perceptível mesmo em uma obra como *Persuasão*, que parece muito menos ácida no que diz respeito à aceitação, por parte da heroína, de clichês referentes à sensibilidade. Em um momento chave, em uma discussão sobre caracteres de homens e mulheres, a heroína diz algo como: “Sim, sim, por favor, sem referência a exemplos em livros. Os homens tiveram toda a vantagem sobre nós ao contar sua própria história. A educação esteve a seu lado em grau tão maior, a pena sempre esteve em suas mãos. Não aceitarei que livros provem coisa alguma”². O grande problema é justamente que as mulheres teriam sido representadas por escritores homens. Austen reconhece, então, que mesmo obras que contenham grandes exageros sentimentais devem ser valorizadas por se inserirem em uma tradição que teria decorrido de um movimento, por parte de escritoras, de expressarem em seus próprios termos a sua experiência do mundo.

Isso fica bastante evidente, por exemplo, na seguinte passagem do Capítulo V de seu *Northanger Abbey*, em que Austen nos informa que não adotará

[...] aquele costume mesquinho e imprudente, tão comum entre escritores de novelas, de degradar, por sua censura repleta de desprezo, as performances mesmas a cujo número eles próprios acrescentam – unindo-se a seus maiores inimigos ao atribuir os epítetos mais duros a tais obras, e mal permitindo que sejam lidas por sua própria heroína, a qual, se acidentalmente tomar posse de uma novela, certamente virará suas páginas insípidas com desgosto.

Em seguida, a autora trata de informar que

se a mesma senhorita estivesse envolvida com um volume de *The Spectator*, ao invés de uma tal obra, quão orgulhosamente ela mostraria

² AUSTEN, Jane. *The complete novels of Jane Austen*, p.1370.

o livro, e diria seu nome, ainda que as chances fossem contra ela se interessar por qualquer parte dessa volumosa publicação, da qual tanto o conteúdo quanto o estilo não desagradariam um jovem de bom gosto, já que a substância de suas folhas consiste tão frequentemente em afirmações de circunstâncias improváveis, caracteres não naturais e tópicos de conversação que não mais dizem respeito a ninguém que ainda esteja vivo, e sua linguagem, também, é grosseira a ponto de dar uma ideia não muito favorável da época que podia suportá-la.³

A mensagem é inequivocamente clara. Como se sabe, o *Spectator*, periódico conduzido por Joseph Addison e Richard Steele entre 1711 e 1712, constituiu, para boa parte dos filósofos das Luzes britânicas, um modelo de empreendimento que teria conciliado o tratamento adequado de temas filosóficos e uma linguagem adaptada para levar discussões acerca deles aos cafés e às mesas de jantar. Sabe-se que os ensaios do *Spectator* (e depois deles, os do *Tattler*) teriam constituído, ao menos inicialmente, um modelo para os *Essays* de Hume, e que algumas séries dedicadas a aprofundar temas específicos, tais como aquela dedicada aos prazeres da imaginação, teriam tido impacto relativamente duradouro. À guisa de exemplo, é interessante lembrar que os textos são discutidos por Edmund Burke ainda em 1757, em sua *Philosophical Enquiry concerning the Origin of our Ideas of the Sublime and Beautiful*. O alvo de Austen, porém, não é apenas o *Spectator*, mas a época que “podia suportar” uma obra como ele. Fica claro que o próprio modelo de sociabilidade em que jovens considerados “de boa companhia” seriam instruídos e entretidos por obras como essas é digno de censura. Ao longo de *Northanger Abbey*, isso ficará claro em diversos momentos. John Thorpe, por exemplo, que se declara um não leitor de novelas, é apresentado como estereótipo de rapaz desagradável. Também não é tão bem formado quanto gosta de fazer parecer, visto que a autora trata de deixar claro que ele finge conhecer obras que não leu.

Parece, ainda, que Austen assume uma posição bastante contundente não apenas contra admiradores da maneira como se pensava a relação entre literatura e formação no século XVIII, mas, também, contra teses como aquela de *The Female Quixote*, que parece ter sido, por um lado, uma influência pesada em *Northanger Abbey* e, por outro, o alvo do comentário sobre romancistas que escrevem sobre novelas. Charlotte Lennox, como se sabe, parecia bastante interessada em mostrar que a leitura de novelas havia sido prejudicial para o entendimento que sua Arabella tinha do mundo.

³ *Ibid.*, p. 1092.

Pode-se dizer, é claro, que Catherine Morland, de *Northanger*, padece do mesmo mal. Entretanto, não é preciso desconfiar da sinceridade de Austen na passagem acima. Como se sabe, em momento posterior da obra, o herói Henry Tilney confessará já ter lido centenas de novelas, ainda que esse tipo de leitura não seja o único a que ele se dedica. Observe-se, ainda, que Eleanor, irmã de Henry que pode não ser dada a aventuras, mas é sempre mencionada como exemplo de mulher de polidez e de boa formação, mostra interesse não apenas em novelas, mas em *histórias* como a do Sr. Hume e a do Sr. Robertson. Além disso, é importante notar que os Tilney, diferentemente de Catherine, certamente teriam sido educados segundo as regras usuais de sociabilidade, diferentemente da heroína, que, antes da ida a Bath que põe em marcha os eventos da trama, jamais tinha saído dos entornos da propriedade afastada em que vivia com a família.

A mensagem de Austen, então, é relativamente clara: trata-se de garantir à novela um lugar junto às obras usualmente consideradas adequadas à formação das jovens, sem perder de vista que formação não é algo que depende apenas de quais livros se lê, mas, também, da inserção na sociabilidade. Ainda assim, isso exige que a novela se distancie do modelo de sensibilidade exagerada e incorpore certo ideal de sensatez que, no caso particular de Austen, implica na sátira de costumes pela qual a autora passou a ser conhecida. Não é que não se possa contar histórias de amor, não é que elas não possam acabar bem. O que cumpre evitar é que as leitoras possam encontrar nas novelas a exaltação de paixões exacerbadas, já observada por uma infinidade de autores. Com isso, seria possível colaborar para eliminar supostas diferenças de sensatez e/ou racionalidade entre leitoras e leitores. Nesse sentido, Austen seria tributária das discussões sobre a educação feminina que proliferaram no século XVIII, mas a teria recolocado em termos originais, na medida em que a autora parece preocupada mais em esmiuçar certos valores de seu tempo, em textos como que de intervenção, do que em assumir compromissos teóricos com esta ou aquela teoria moral.

Esses aspectos ficam relativamente evidentes em *Northanger Abbey*, que, por conta do tom explícito com que satiriza tanto costumes quanto convenções literárias da época, pode ser lido como uma espécie de manifesto ou, ao menos, como declaração de intenções. É importante observar, então, que essas características aparecem, também, em outras obras de Austen, nas quais ela tanto persiste no tom satírico que caracteriza sua obra quanto se mostra bastante consciente do que significa escrever novelas na virada do século XVIII para o XIX. Sobre o primeiro ponto, são abundantes os exemplos. *Sense*

and Sensibility, por exemplo, fornece, a esse respeito, uma lição nada sutil. A sensibilidade excessiva de Maryanne a conduz a todo tipo de infortúnios, enquanto sua irmã Elinor parece ser considerada pela autora como detentora de caráter mais louvável por conta de sua sensatez.

Pride and Prejudice, por sua vez, nos oferece exemplos ainda mais incisivos. Isso não apenas porque o tom de crítica de costumes, que se mantém ao longo de todo o livro, é dado, com bastante contundência, já na primeira sentença, aquela segundo a qual “É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, possuidor de boa fortuna, deve estar em busca de uma esposa”, e pelo diálogo que se segue a ela. Ao longo da obra, vemos que Elizabeth Bennet, a protagonista, parece temperar com uma boa dose de sociabilidade aquilo que se pode considerar a educação que seria considerada adequada para mulheres à época, e que inclui não apenas leituras, mas desenho, música *etc.* Seria injusto (e excessivamente fácil) compará-la apenas, por exemplo, à sua irmã Lydia, que toma uma série de más decisões por conta de seu desprezo à educação e, também, a costumes estabelecidos no âmbito da sociabilidade comum. Isso não apenas porque Lydia não é apresentada por Austen como alguém cujo caráter seria recomendável, mas porque ela não é particularmente representativa de alguma relação com processos formativos. Parece mais a propósito lembrar, aqui, outra irmã de Elizabeth, Mary. Excessivamente dedicada aos livros, e incapaz de qualquer interação que não seja pautada pelos princípios que observa neles, Mary se mostra inepta no que diz respeito a avaliar caracteres e situações. Além disso, mesmo sua dedicação a atividades que poderiam ser consideradas resultado de treino e aplicação, como tocar piano ou desenhar, são prejudicadas porque lhe falta, por assim dizer, calor humano. Não é despropositado lembrar que, ao fim do livro, Mary é relegada a viver com sua mãe, que Austen trata de retratar, reiteradamente, como absolutamente insuportável. É importante, ainda, lembrar que Mary se caracteriza, em parte, por sua dedicação a leituras pretensamente sérias, não sendo, portanto, o tipo de mulher que lia novelas.

Quanto àquele outro ponto, o de que Austen estaria, até o fim, consciente da posição que teria ocupado enquanto autora de novelas, e dos compromissos que isso implicaria, não traz grandes dificuldades. Basta lembrar as passagens de *Persuasão* e de *Northanger Abbey* mencionadas anteriormente. É fácil identificar nelas a ideia de que a tradição literária anterior, dominada por homens, teria levado à necessidade de que emergisse uma forma de literatura que se constituísse como espaço para a expressão das mulheres.

É inegável, então, que a autora se esmera em recomendar às mulheres um comportamento bastante distinto daquele que seria recomendável em mulheres que meramente acatassem as implicações da cultura do galanteio, de que Hume se mostra um defensor incisivo, ainda que, como tentamos mostrar inicialmente, bastante peculiar. Ainda que não estejamos falando, aqui, que uma proposta de educação feminina transgressora *à la* Mary Wollstonecraft⁴, certamente é o caso de se pensar, segundo Austen, um tipo de literatura que, casada a certas reformas no registro da sociabilidade, aproximaria homens e mulheres. Por esse motivo, não deve causar estranheza que em *Pride and Prejudice*, por exemplo, Elizabeth possa maravilhar-se com a vastidão da biblioteca de Pemberley e, ainda assim, ser a heroína espirituosa, enquanto Mary é tornada irremediavelmente insociável por sua dedicação a volumes pesados de metafísica.

Por fim, talvez seja o caso de notar que a recusa do galanteio empreendida por Austen talvez tenha um alcance muito menos privado do que poderia parecer. Ora, a cavalaria, que é vista por Hume, bem como por outros autores de seu tempo, como a instituição responsável pelo engendramento da polidez moderna, teria chegado à Inglaterra de maneira bastante particular. Trata-se de um conjunto de práticas que teria sido levado do continente com a conquista normanda, por volta de 1066. O elogio da polidez moderna está, portanto, atrelado, em ampla medida, a certa concepção de identidade nacional inglesa, que veria nas instituições normandas um marco civilizatório: em oposição aos costumes dos saxões, vistos como excessivamente rústicos e belicosos, de modo que jamais teriam constituído efetivamente um Estado, os filósofos da polidez preferem o modelo normando, não apenas pela estabilidade que suas instituições teriam trazido, mas também porque teriam contribuído para tornar a sociabilidade polida aquilo que ela é, ainda que por meio de uma história que ocorre por vias nem sempre louváveis.

Austen, que faz sua Eleanor Tilney declarar admiração por historiadores como o Sr. Hume e o Sr. Robertson, e que mostra em várias de suas cartas que estava familiarizada com os autores mais conceituados da época, certamente estaria consciente disso. É verdade que, mesmo se observada nesses termos, sua recusa do galanteio não chega a se constituir como uma crítica política em sentido estrito. Ainda assim, ao criticar um modelo de sociabilidade que o período anterior via como resultado de um processo

⁴ Ainda assim, como observa Johnson, em *Equivocal Beings: Politics, Gender and Sentimentality in the 1790s*, é possível ver Austen e Wollstonecraft como dois momentos de uma mesma história de acerto de contas, por parte de escritoras, com os cânones estabelecidos por homens acerca da representação das mulheres.

bastante claro, a autora certamente abre as portas para que se faça a crítica não apenas desse próprio modelo de sociabilidade, mas à identidade nacional que se teria constituído ao longo desse processo. Isso parece conferir à obra de Austen, em alguma medida, o caráter de literatura de intervenção. É particularmente triste, então, que o grande público tenha passado a vê-la como uma espécie de grande precursora das comédias românticas.

Referências bibliográficas

- AUSTEN, Jane. *The complete novels of Jane Austen*. Ware: Wordsworth, 2007.
- GREGORY, John. *A Father's Legacy to his Daughters*. Londres: Wood & Innes, 1808.
- HUME, David. *Essays Moral, Political and Literary*. Indianapolis: Liberty Fund, 1985.
- JOHNSON, Claudia. *Equivocal Beings: Politics, Gender and Sentimentality in the 1790s*. Chicago: Chicago University Press, 1995.
- LENNOX, Charlotte. *The Female Quixote, Or The Adventures of Arabella*. Adelaide: University of Adelaide, 2014.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emilio*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of the Rights of Woman*. New Haven: Yale University Press, 2014.

Recebido em: //2017 – Received in: //2017

Aprovado em: 12/12/2017 – Approved in: 12/12/2017